

## CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS (MESTRADO)

### Instituto de Letras e Artes

- Teoria da Literatura
- Lingüística Aplicada

\*Recredenciado pelo Parecer nº 639/93 do C.F.E. de 07/10/93

Informações: ILA - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3176

## MEMÓRIAS DE DYONELIO MACHADO, MOSQUETEIRO DA PALAVRA E DAS IDÉIAS

Maria Zenilda Grawunder  
PUCRS

### Sobre o autor, sua obra e legado

19 de junho de 1985: no limiar dos noventa anos de vida, faleceu Dyonelio Machado, sem ter conhecimento de que, dias antes, fora agraciado com a comenda *Ordre des Arts et des Lettres*, a grande condecoração do governo da França, no mundo das artes. A comunicação chegou à família dias depois de seu falecimento. Em cerimônia oficial do Consulado Francês em homenagem póstuma, a comenda foi recebida pela viúva Sra. Adalgisa Machado, em dezembro de 1985. Mais uma amarga ironia do destino para com o "autor maldito". Segundo os familiares, pela profunda admiração pela cultura, literatura e história do pensamento daquele país, para o escritor a comenda representaria a maior alegria de sua vida cultural. Na França, ele tornou-se conhecido pela publicação de *Os Ratos* (1983), também no Brasil o seu livro mais divulgado. A edição, pela Maurice Nadeau-Papyrus, sob o título *L'Argent du Laitier* mereceu crítica elogiosa no *Le Monde*.

Dyonelio soltou ao mundo seus "ratos", as palavras e angústias que corroem o viver, o dia-a-dia da maioria socialmente desprivilegiada das cidades, no mesmo período em que se tornou um preso político. *Os Ratos* (1935) foi marcante pelo que representou de inovador em temática e tratamento de linguagem. À época, no Rio Grande do Sul, consagrou-se a ponto de o escritor sentir-se como o autor de um só livro, como confessava em entrevistas. No período da sua bem sucedida emergência literária e formação em Medicina Psiquiátrica, Dyonelio foi também ensaísta, cronista e contista, fundador, editor e diretor de jornais (*O Farrapo* e *A Informação*), deixando um manuscrito inédito que seria seu primeiro romance, *O Estadista* (1926), resgatado pela pesquisa.

Foi também esta a época em que passou a participar ativamente da política do país. Republicano, borgista, só rompeu com o partido por ocasião do golpe do Estado Novo por Getúlio Vargas, antes aliado. Profundamente interessado pelos acontecimentos político-sociais mundiais, foi-se entusiasmando pelos ideais socialistas. Quando começaram a se organizar as esquerdas no Brasil, foi um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora (ANL), de orientação marxista, fundada e cassada em 1935. Por

suas atividades, teve prisão política, em Porto Alegre e depois no Rio de Janeiro, por dois anos. Além de secretário regional da ANL, foi deputado estadual pelo Partido Comunista, cassado em 1947 e suplente de Deputado Federal. Seu Acervo e obra são ricos em informações sobre acontecimentos que envolveram a política e a repressão do período.

Com o diploma de pós-graduação em Neurologia e Psiquiatria, médico alienista e dos primeiros psiquiatras do Brasil, foi diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro, de Porto Alegre. Neste cargo, implantou no manicomínio público gaúcho a Clínica de Praxiterapia, onde se recuperaram vários pacientes, através da arte e artesanato, pioneirismo pouco divulgado, mas que lhe valeu o carinho e homenagens dos pacientes, comprovados nos materiais legados.

Como escritor, desde 1915, teve publicados, em jornais e revistas, inúmeros ensaios, crônicas, poemas, contos e os livros: *Política Contemporânea: Três Aspectos* (1923); *Eletroencefalografia* (1944); *O Estadista*, manuscrito inédito, (Novela-1926); *Um Pobre Homem* (Contos-1927); *Uma Definição Biológica do Crime* (Tese Doutoral-1933). Romances: *Os Ratos*, 1935; *O Louco do Cati*, Porto Alegre: Globo, 1942; *Desolação* (1944); *Passos Perdidos* (1946); *Deuses Econômicos* (1976); *Prodígios* (1980); *Endiabrados* (1980); *Nuanças* (1981); *Sol Subterrâneo* (1981); *Fada* (1982); *Ele Vem do Fundão* (1982); *Memórias de um Pobre Homem* (1990), Org. Maria Zenilda Grawunder, edição crítica resultante da pesquisa de organização do Acervo.

Esta foi iniciada em 1986, por proposta da Dr.<sup>a</sup> Regina Zilberman, para ampliação dos projetos do Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação da PUC/RS, quando procuramos a família do escritor. Com a concordância de Dr. Paulo Martins Machado, psiquiatra como o pai, da filha Sra. Cecília M. Bordini e da viúva Sra. Adalgisa Martins Machado, na sua residência iniciamos a coleta e organização dos itens do legado literário de escritor. Desde então, reunimos materiais e escritos dispersos, originais e manuscritos, ordenando recortes de publicações na imprensa, escritos pelo autor e sobre ele, e coletando informações e registros sobre a vida, obra e processo de criação, também em outras fontes e arquivos particulares e jornalísticos.

Foi fundamental e extremamente fascinante a colaboração, as lembranças apaixonadas e a memória privilegiada dos quase noventa anos de D. Adalgisa, que muito contribuíram para o conhecimento do homem, do esposo e pai, do psiquiatra, do político, do músico, poeta, ensaísta e romancista, de quem conhecíamos parte da obra e o que traziam os jornais literários da década de 80. O estudo da obra literária, dos materiais, de textos da crítica coletados pelo autor e completados pela busca mais extensiva que então iniciamos, originou a pesquisa paralela intitulada *Curso e Discurso da Obra de Dyonelio Machado: uma Análise da Legitimação*, que apresentamos como tese de Mestrado na PUC/RS.

O que exigia respostas era por que obras com a densidade dos textos do Autor, conquanto valorizadas e premiadas pela crítica nacional, mais especificamente de São Paulo, tinham sofrido problemas editoriais e res-

trições da crítica especializada gaúcha, e o silêncio da crítica universitária, as mais importantes instâncias da instituição literária para a legitimação de um autor. Muitas e muitas peças deste quebra-cabeças foram-se compondo, oferecidas pelos materiais do Acervo, como entrevistas, depoimentos, cartas, e detalhes das acusações que levaram o escritor a sofrer dois anos de prisão, no Rio de Janeiro, por oposição ao Estado Novo, de Getúlio Vargas. Foi na prisão que ele aderiu ao Partido Comunista, opção política que, somada à sua palavra contundente, além da opção pela temática psicossocial, à época, agravou seu relacionamento com a crítica e editoras do Sul.

Com a vida pessoal, familiar e profissional esfaclada, da experiência restaram-lhe o estigma e a vivência, marcas do cárcere, lembranças, um material fornecido pela História, de que a ficção do autor se apossou, transformando-o, recriando-o, permeando-o do pesado vocabulário dos apenados e da palavra estranha e ainda desconhecida da psicanálise e do mito. Elas o acompanharam por toda a vida, caracterizando suas obras, onde se inserem como fragmentos de conteúdo, vozes imemoriais e soturnas, nos monólogos interiores e outros elementos composicionais e simbólicos, metáforas e alegoria da negra noite da ditadura do Estado Novo, para os que buscavam a liberdade de opinião e de pensamento divergente.

Com os ideais humanistas reforçados pela dum experiência pessoal e textos incompreendidos, Dyonelio torna-se pessoa mais arredia, não encontra editor para as obras de linguagem enxuta, substantiva e envolvida com mundos de mecânicos, prostitutas, detentos, marginais e homens comuns. Suas personagens movimentam-se, ora no desolado, descampado e pobre litoral gaúcho, castigado pelos ventos que movem as areias, com a mesma implacabilidade do Destino que move os homens desprotegidos e marginalizados, ora nos cubículos do cárcere, ou nas ruas, pensões, antros e prostíbulos do Rio e São Paulo, ou na geografia de Porto Alegre, revolvendo-se em conflitos e dilemas pessoais e sociais realistas, com definida opção pelo espaço das cidades e a degradação de valores.

### O acervo: alguns resultados e projetos mais imediatos

Pessoa metódica, Dyonelio reuniu materiais relacionados à sua agitada e dolorosa experiência política, *fait-divers*, recortes de jornais, uma biblioteca de mais de 4.000 volumes, rica em títulos clássicos e modernos da Literatura, História e mitologia greco-latina, direito romano, memomabilia, num conjunto significativo e simbólico das relações entre Literatura e História em sua época. O estudo dos materiais pode oferecer aos estudiosos de literatura uma visão não apenas de seus textos ficcionais como obra acabada, mas também o conhecimento do processo de criação artística, do seu fazer literário e de sua poética.

Com o falecimento da viúva do escritor, a organização do Acervo deve ter, em sua segunda fase, uma revisão dos materiais anteriormente catalogados, ora nas residências dos herdeiros, que cederam à pesquisa re-

cortes de publicações na imprensa, entrevistas e centenas de cadernetas de anotações úteis para estudo do processo de criação do escritor. Os materiais – entre os quais entrevistas, depoimentos, cartas trocadas com amigos, escritores e críticos, que possibilitam ver o homem em suas diferentes dimensões – estão sendo ordenados e catalogados, conforme critérios do Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS e cópias estão à disposição de pesquisadores, na Instituição.

A pesquisa de organização do Acervo do médico psiquiatra, político, crítico, jornalista e ficcionista, pelos importantes materiais, anotações e registros que contém, constitui-se numa preciosa fonte para futuros estudos de interesse da Literatura, sua história e processo de criação, bem como para reflexões sobre as relações entre realidade e ficção, entre a Literatura e a História.

O legado pessoal de Dyonelio, sua vida e obra já não lhe pertencem, pois não se circunscrevem ao seu tempo, mas projetam-se no futuro, como interpretação de mundo, filtrada pela ação imaginativa e criadora. Em todas as suas atividades, vanguardista de idéias, Dyonelio fez um corte no pensamento político e literário da sua geração no sul do Brasil. Assimilando ideais marxistas emergentes na Europa, no começo deste século, incorporou-se aos ideais de verdade e de justiça social, em que se sustentam o convívio humano e a democracia, sua bandeira e inquietação. Na ação imaginativa, através da sua ficção, as idéias sobre os problemas do mundo moderno, que se instalam no século XX, processam-se dialeticamente, são sintetizadas nas vozes de personagens, marcas de coerência entre princípios valorativos do mundo humano real e ficcional, deles impregnando sua obra completa.

Esta se constitui em palavra sobre o homem entre os homens, sobre Arte, Literatura, cidadania, e em desafio para a compreensão do fenômeno literário e sua função. Sua proposta de renovação de linguagem realiza-se no vocabulário, conceitos e elementos formais. Entre inéditos que a pesquisa pretende divulgar, como *O Estadista*, em fase de revisão da edição crítica, estão alguns originais completos, outros em fragmentos. Em 1995, ano do centenário de nascimento do escritor, dez anos de seu falecimento, sessenta anos de *Os Ratos*, o projeto prevê uma exposição de materiais do Acervo.

É estranho o mundo das idéias, sem tempo. No seu espaço irreal, pesquisadores e mantenedores de legados, que somos, encontramos-nos com intelectos e expressões privilegiadas, com idéias e a verdadeira arte que, permanecendo, resgata aspectos da mentalidade e costumes de seu tempo, mas igualmente representa embriões de outras formas ou irmana artistas de diferentes épocas. Neste sentido, por exemplo, um pintor de hoje, Eduardo V. da Cunha, sintetiza o valor da arte para a Arte, quando declara inspirar-se em *O Louco do Cati*, para na arte "celebrar a analogia dos opostos", reunindo os desertos de Dyonelio e cenários turbulentos de Nova Iorque, a arte no eterno circuito da recriação. Assim explica a busca de inspiração no romance: "as artes devem ter o dom de sugerir".

Portanto, cabe ao pesquisador e organizador de Acervos artísticos não apenas salvar, preservar e ser o guardião das idéias sugeridas pelas artes, mas divulgá-las, fazer com que transitem, permaneçam, sejam conhecidas e sirvam às transformações. O paciente trabalho de resgate e estudo de originais e outros materiais dos artistas, se representa memória da produção e processo de criação, ao mesmo tempo descobre e expõe idéias que podem reviver, orbitar, sugerir, fazer circular concepções sobre vida e Arte, transformar mundos, confirmando a poética de Dyonelio:

A Arte não tem contendor à sua altura. Pode retirar motivos do trivial, do cotidiano, das idéias, no que têm de profundamente tocante. É essa circunstância que garante a sua sobrevivência. Em vão surgem de tempos em tempos iconoclastas que pretendem destruí-la, oferecendo como substituto um mero artesanato, ao alcance de qualquer mão. Ilusão! A Arte move com o Pathos, como uma sonda mergulhada na terra, remexendo um minério precioso, até então oculto. (D. M.)